



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTT GART



A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'houra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

A. HARTRODT

Sede HAMBURGO — Dovenfleth 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre :

HAMBURGO — PORTO — LISBOA
ANTUERPIA — PORTO — LISBOA
LONDRES — PORTO — LISBOA
LIVERPOOL — PORTO — LISBOA

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo.**

LA PARISIENNE
 A CONSAGRÉ

LES
PIANOS
 PARIS

A BORD

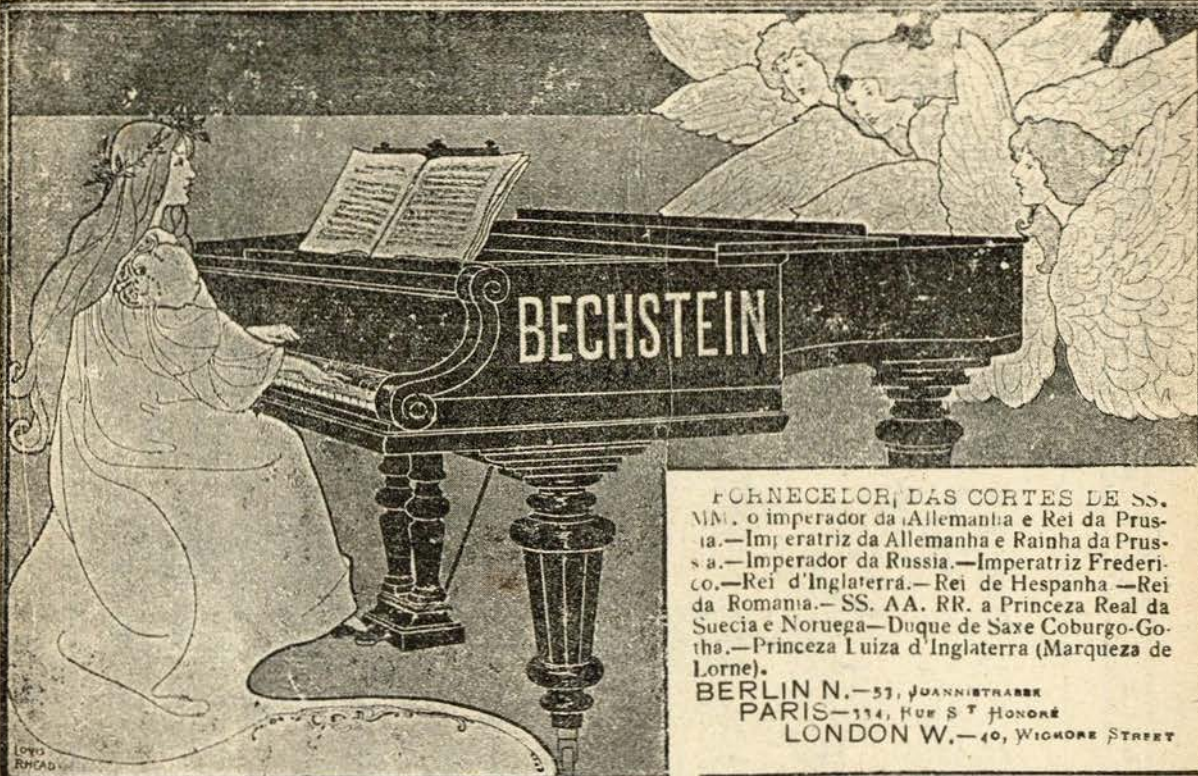
14^{bis} BOUL^e POISSONNIERE ^{J. Pille}

Commendador da oriem de Christo (1894)

Fabricação annual	3:000 pianos
Produção até hoje	100:000 "

Exposição Universal de Paris (1900)
 Membro do Jury Hors Concours

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
 LISBOA



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM. o imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Romania.—SS. AA. RR. a Princesa Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha.—Princesa Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).

BERLIN N.—57, JOANNISTRASSE
 PARIS—114, RUE S T HONORÉ
 LONDON W.—40, WICKMORE STREET

SOCIEDADE DE CONCERTOS E ESCOLA DE MUSICA

FUNDADA EM 1 DE JULHO DE 1902

Séde: **Rua do Alecrim, 17**

(Junto ao Caes do Sodré)

Cursos nocturnos

As aulas abrem a 1 de outubro e fecham a 31 de julho.

A matricula geral começa a 15 de setembro continuando aberta todo o anno lectivo.

Curso completo do **Conservatorio Real de Lisboa** para ali se azer exame e cursos da Escola para fazer ou não exame á vontade dos alumnos.

PROFESSORES

*D. Rachel de Souza, Frederico Guimarães, Marcos Garin,
 Carlos Gonçalves, Julio Cardona,
 Augusto de Moraes Palmeiro, Guilherme Ribeiro, Wenceslau Pinto,
 Rodrigues Beraud e Pedro José Ferreira*

Concertos de musica nacional por grande orchestra de 80 executantes e audições de alumnos

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 E 49

Proprietario e Director

LISEOA

Editor

Mich'angelo Lambertini

Rua da Assumpção, 18 a 24

Antonio Gil Cardoso

SUMMARIO :—Os violeiros antigos. — Concertos. — Monte-Pio Philarmonico. — Notas vagas. — Cabelleiras. — Noticiario. — Necrologia.

OS VIOLEIROS ANTIGOS

(Continuação de uma serie de artigos publicados nos numeros 107, 110, 111, 112, 113, 117, 120, 125, 127, 130, 133, 136 e 141).

Addenda

Como os nossos leitores teem visto e nós lisamente o confessamos, sem a menor preocupação de falsa modestia, o estudo que empreendemos não é mais que uma compilação e resumida synopse do que teem exposto sobre o assumpto outras penas mais autorisadas. A unica parte d'este trabalho que podemos reivindicar como inédita e porventura interessante para alguns, é a resenha dos instrumentos de boa marca que se encontram no nosso paiz.

Pois essa resenha, cuja organização demandou uma larga serie de informações e trabalhos preliminares, não só está longe de satisfazer-nos por completo mas embalde procuraríamos completal-a.

As estatisticas d'esta indole são sempre difíceis. Fizemos, é certo, um apello bem expresso e claro a todos os que podiam auxiliar-nos e a propria sequencia d'estes artigos podia tambem considerar-se um efficaz apello; mas em primeiro logar nem todos lêem a *Arte Musical* (com dupla magua o disemos) e alem d'isso a muitos que podiam socorrer-nos parecia talvez futil o assumpto ou porventura indigno o compilador de recolher as preciosas indicações de que havia mister.

E' todavia certo que muitos e importantes collaboradores tivemos n'este trabalho: a esses devemos não sómente as informações já dadas, mas ainda algumas outras que não puderam ir no logar proprio, ou que contradizem as primeiras.

Vamos compendial-as aqui a titulo de appendice, seguindo n'este a ordem de auctores, não só por ser a mais consentanea com a indole d'este trabalho, mas tambem por facilitar a reunião synoptica de todas as informações esparsas n'esta serie de artigos. Começaremos pelos

Italianos

Amati = Em poder do erudito critico d'arte o sr. Joaquim Vasconcellos encontra-se um violino de Antonio e Jeronymo Amati e em mão da Sr.^a Viscondessa da Ermida (Porto) um violoncello dos mesmos auctores, que pertenceu ao Visconde do mesmo titulo, antigo discipulo de Casella.

Averiguou-se não ser de Antonio Amati a rebeça pertencente ao sr. Jayme N. d'Oliveira, a que nos referimos no numero 107; a que é dada no mesmo artigo como propriedade do Dr. Romariz está hoje em poder de uma discipula de Carlos Dubini, filha do capitalista portuense, sr. José de Bessa Pinto.

Stradivarius = Um outro violoncello, tambem pertencente á sr.^a Viscondessa da Ermida tem sido attribuido ao grande cremense e possui realmente todas as characteristics dos instrumentos de Stradivarius. Asseguram-nos no emtanto que só o tempo harmonico é que é authenticico.

Guarnerius = Entre os instrumentos italianos faltou tambem citar um violino de Guarnerius del Gesù pertencente ao sr. Alfredo Bensaude. Este intelligente amator interessa-se sobremaneira pelos trabalhos de *lutherie* e consagra os seus ocios ao estudo dos velhos instrumentos d'auctor, notabilizando se pela conscienciosa reparação de muitos d'elles. E é caso para notar-se que não havendo aqui actualmente nenhum professional que se dedique ao fabrico dos instrumentos d'arco e escasseiando até os

bons reparadores (1), se tenha lembrado um amator de cultivar, e aliás com tão comprovado exito, uma especialidade que demanda não sómente uma paciência de beneditino, mas ainda e sobretudo um conjuncto de apidões e estudos da mais variada indole.

Mas voltemos ao Guarnerius, que pela sua extrema raridade e formosura merece uma descripção mais promenorizada.

Tem a data de 1725 e assemelha se muito na forma ao delicioso violino d'Eugenio Ysaye.

O fundo do instrumento é, como alguns outros do mesmo auctor, cortado parallelamente ao veio da madeira, o que dá, com o verniz admiravel do instrumento, amarelo alaranjado, um effeito semelhante ao de uma pedra que é conhecida pelo nome de *olho de tigre*.

Foi esta rebecca restaurada na casa Gand, de Paris, e tal como hoje se conserva é um bello exemplar do trabalho mais cuidado de José Guarnerius, que, como já tivemos occasião de dizer, não acabava muito minuciosamente os seus instrumentos, mas sabia, como o prova este violino, fazer obra da mais requintada arte, quando queria.

A cabeça, o tempo etc. são d'uma perfeição inexcedivel.

Pertenceu esta bella peça de *lutherie* a um artista italiano do principio do seculo passado, cuja viuva, por indicação do celebre violinista Sivori, a vendeu a uma pessoa da familia Bensaude que por herança a transmittiu á pessoa de quem o actual possuidor a recebeu.

Camillo Sivori tocou n'esta rebecca muitissimas vezes em publico e particularmente em casa da familia do Dr. Bensaude, com a qual mantinha relações da mais estreita amizade.

Guadagnini = Na mão do sr. Heitor Guichard (Porto) existe uma rebecca de Jose Guadagnini.

Pertenceu a Nicolau Ribas e foi restaurada em Paris por Gustave Bernardel.

Gaglianus = No capitulo consagrado a esta familia de violeiros, faltou citar um excellente violoncello pertencente ao sr. Conde de Jimenez de Molina, que o fez restaurar na casa Gand & Bernardel, de Paris.

Este bello instrumento, sobre cuja authenticidade não existe a menor duvida, tem a seguinte etiqueta:

Alexandri Galiano, Alomnus Stradivarius fecit Neapoli anno 1725.

Alem d'este violoncello ha uma rebecca de Januarius Gaglianus, com a data de

1759, pertencente ao sr. Carlos Reinholds e uma outra que pertenceu a Marques Pinto, aquem foi offerecida pelo fallecido Rei D. Luiz e que se encontra actualmente em poder da familia do mallogrado violinista

Parece ser tambem de Gaglianus um dos violinos do sr. Efisio Anedda (Porto).

Testore = Em poder da sr.^a D. Guilhermina Velloso, tambem domiciliada na capital do norte, ha um instrumento d'esta marca restaurado ha pouco tempo em Paris.

Montagnana = O distincto amator, sr. Heitor Guichard, residente no Porto, tem um lindo violoncello d'esta marca, com a data de 1719; por ignorancia nossa não tinha sido mencionado no capitulo competente.

Maggini = O joven violinista portuense Jayme d'Oliveira adquiriu ultimamente uma rebecca de João Paulo maggini, cuja data ignoramos.

Mantegaçça = Apesar de não termos ainda citado este violeiro, tem aqui o melhor cabimento a menção de uma admiravel violeta, que o illustre amator, sr. Dr. João D'Korth acaba de adquirir e que é notabilissima não só pela belleza da forma como pela deliciosa sonoridade que a distingue.

Os irmãos Mantegazza ou Mantegatia, latinizando o nome, floresceram na segunda metade do seculo xviii e especialisaram se nas violetas, de que fabricaram um grande numero e todas excellentes.

A etiqueta que figura na violeta do Dr. Korth é assim concebida:

Petrus Joannes Mantegatia fecit Mediolani in via S. Margarita 1765

Goffriler = Tem o distincto violinista amator, sr. Cesar Mirés, uma rebecca de Matteo Goffriler, a que alludiamos no noticiario do numero 124. Por ser um instrumento de apreciavel auctor e de optimas qualidades sonoras, deve tambem ficar registrado n'esta resenha.

Tononi = A familia bolonhesa dos Tononi que contou nada menos de cinco violeiros estabelecidos em Bolonha e em Venesa, não figurou tambem no nosso trabalho e vae aqui citada para consignar um magnifico violoncello de Giovanni Tononi, datado de 1700 e de que é possuidor o velho professor Joaquim Casella.

Allemaes

Stainer = O amator allemão Brunner possui um verdadeiro Jacob Stainer, reparado e authenticado por Simoutre, de Paris, e por elle avaliado em 7000 francos.

Klotz = A precoce e talentosa violinista D. Ophelia de Oliveira tem actualmente um bellissimo exemplar de Mathias Klotz, de

(1) Podiamos mesmo dizer *faltando*.

1673, fornecido pela reputada casa Caressa & Français, successores de Bernardel. Dizem-nos que é um dos instrumentos do Porto, que tem o som mais puro e mais brilhante.

De Sebastião Klotz tem duas rebecas o sr. Efisio Anedda e não um Egidius Klotz como se disse no numero 130.

Sebastião Klotz apparece-nos ainda n'uma optima rebecka do professor João Metello, cujo recente fallecimento noticiamos em outro logar, e no violoncello que pertenceu a Ignacio Hirsch, distincto amator que foi pae do fallecido Dr. Hirsch e avô da actual professora de canto, a sr.^a D. Julieta Hirsch.

Este violoncello ostenta a data de 1749.

E já que estamos em maré de additamentos e rectificações, diremos tambem que o violino de Cecil Mackee (um Sebastião Klotz como ficou dito a pag. 140) que julgavamos não ter data indicada, foi construido em 1753, como da respectiva etiqueta se comprova.

Hornstainer = Faltou mencionar duas violetas no capitulo respectivo a este fabricante, sendo uma de 1789 e pertencente a Jayme de Oliveira e outra de 1791, propriedade de Antonio Ferreira, ambos discipulos de Carlos Dubini, no Porto.

D. Judith Miranda, filha de um illustre professor da Academia Polytechnica da mesma cidade, tem tambem um violino de Mathias Hornstainer.

Maussiell = E' um violeiro de Nuremberg que viveu no meiado do seculo xviii, dedicando-se principalmente a copiar Stainer, e fazendo-o com rara habilidade.

O Dr. Jacintho Romariz conserva em sua mão uma bonita rebecka de Leonhardt Maussiell, que mandou restaurar em Paris na casa Caressa & Français.

Widhalm = Leopold Widhalm tinha como o precedente a sua officina em Nuremberg e era tambem copista de Jacob Stainer.

São muito apreciados os seus instrumentos na Allemanha; entre nós apenas consta a existencia de um violoncello d'esta marca, com a data de 1757, o qual pertence ao já citado amator portuense, Heitor Guichard.

Francezes

Lupot = A viuva do reputado professor Marques Pinto conserva um esplendido Nicolas Lupot, que o fallecido artista comprou em Londres. Era o instrumento em que preferia sempre tocar.

Vuillaume = Não está esgotada, como suppunhamos, a lista dos instrumentos marcados com a etiqueta d'este notavel violeiro francez. Vamos tratar de reparar a falta que foi realmente palmar, attenta a grande quan-

tidade de peças que deixamos de mencionar a tempo.

Assim o Dr. Augusto Antonio dos Santos (Porto) possui um bello violino, datado de 1865 e feito expressamente por J. B. Vuillaume para a Exposição internacional, com que se inaugurou o Palacio de Crystal portuense.

Foram dois os violinos com que Vuillaume se fez representar n'esse certamen, tendo sido o outro offerecido pelo proprio *luthier* ao saudoso monarcha D. Luiz, que mais tarde o offereceu ao illustre amator Augusto Gerschey, seu actual possuidor, como dissemos no numero 133.

Este ultimo instrumento foi reparado ha 2 annos pela casa Silvestre & Maucotel, que o classificou de «*tout premier ordre comme lutherie, un des rares possédant la belle sonorité italienne á la Strad*»

D. Ophelia de Oliveira adquiriu tambem um primoroso violino d'esta marca, com o numero 2507, que pertenceu ao fallecido Augusto Marques Pinto e foi agora superiormente restaurado por Caressa & Français.

Joaquim Casella tem um violoncello de Vuillaume, que dizem ser excellente; outro igual tem a viuva de Ricardo Guimarães e vieram ambos ao mesmo tempo para Portugal, sendo um para este amator e outro para João Miranda, cujos herdeiros o venderam ao conceituado violoncellista Casella.

Breton = Não se mencionaram os Breton na resenha dos violeiros francezes; a tão gentil como talentosa violinista D. Alice Silva possui um violino d'esses e tem-o em grande estimação.

Os Breton apesar de não terem grande celebridade, tem sido e continuam a ser constantemente contrafeitos e copiados.

F. Breton era de Mirecourt e trabalhou de 1800 a 1830; os seus instrumentos eram bem feitos e o verniz quasi sempre amarelado.

Marcava muitos dos seus instrumentos a ferro, o que não deixaram tambem de fazer os seus numerosos imitadores e copistas.

Portuguezes

Além das interessantes informações que o dr. Sousa Viterbo se digna dar-nos na amabilissima carta ultimamente publicada e que muito cordealmente lhe agradecemos, podemos ainda accrescentar as seguintes notas ao que já ficou dito sobre violeiros portuguezes.

Galvão = Apparecem-nos mais dois Galvão e tomamos a peito consignar aqui todos os que existem em Portugal, se tal fosse possivel.

Um d'elles é um violino de pequeno modelo, um violino de senhora, formosissimo como forma e tão superiormente concertado pela casa Silvestre que só a muito custo se descobre a ligação do braço novo com a vóluta primitiva.

Pertence aos irmãos Wagner que o valorizam em 150.000 réis e tem a seguinte etiqueta, perfeitamente legível:

Joachinus Josephus Galram Fecit Olisipone A. 1777.

O outro é propriedade do sr. José de Menezes e Almeida, escrivão-notario em Santarem e pertenceu ao scenographo Cinatti, cujo filho o vendeu em 1885 ao actual proprietario.

Foi restaurado n'esse mesmo anno pelo velho Wagner, encontrando se-lhe uma etiqueta interior accusando um concerto feito em 1820 e tantos.

Diniz = Felix Antonio Diniz, discipulo de Galrão, figura no Dicionario de Ernesto Vieira, que allude a uma excellente rebeca d'este violeiro portuguez, datada de 1825 e que no dizer do sapiente professor é «de optima fabricação e bom modelo».

O illustre compositor Alfredo Keil adquiriu ultimamente um violino d'este mesmo fabricante; a etiqueta impressa que está collada no interior do instrumento é assim concebida:

*Felis Antonio Dinis a fes
Lisboa Anno 180*

A data está, como se vê incompleta. Buscando esclarecer a vida quasi ignorada d'este violeiro, constou ao sr. Keil por pessoa de avançada idade que Felix Antonio Diniz trabalhou para os lados da Graça, n'uma rua proxima á rua das Beatas ou travessa de S. Antonio da Gloria e que elle ou um seu sobrinho do mesmo appellido, que fabricava violas e guitarras, falleceu pelo anno de 1858, logo depois da epidemia da febre amarella.

E' quanto pudemos averiguar.

Os fabricantes d'arcos

A historia d'esse indispensavel accessorio que se chama *arco* está ainda por fazer e cremos que as indicações que a respeito da sua origem nos tem sido dadas não passam de meras hypotheses.

Ha que considerar que os unicos documentos com que o historiador pode contar são os trabalhos miniaturaes dos velhos codices, as telas que a mão do tempo soube poupar e os ornatos e esculpturas das anti-

gas cathedraes e monumentos. Ora é certo que n'esses tempos remotos o artista preocupava-se mais com a esthesia da figura que tinha de representar, do que com a fiel e minuciosa reprodução dos objectos accessorios com que a adornava.

Satisfazendo estes á conveniente expressão symbolica, era geralmente quanto lhes bastava; d'ahi a ausencia de tantos promenores que hoje seriam a mais não ser interessantes e que nos permitiriam reconstruir com segurança a forma exata dos primitivos instrumentos.

Apesar da respectiva função ser inteiramente diversa, confundiu-se muitas vezes o *arco* com o *plectro*, quando o primeiro foi sempre destinado a friccionar as cordas e o segundo só tinha por intuito percutil-as ou *pizzical-as*, se nos é permitido o italianismo.

No emtanto no seculo XIII era o arco já conhecido, no seu estado mais rudimentar.

Só em fins do seculo XVIII é que um modesto operario francez, de tão pobre nascimento que nem sabia lêr nem escrever, lhe deu a forma definitiva e perfeita que hoje lhe conhecemos. Queremos fallar de *François Tourte* (1747-1805) que na fabricação dos arcos teve tanta fama como Stradivarius na construcção dos violinos.

Alem de introduzir no grosseiro arco de então todos os melhoramentos necessarios François Tourte fixou o comprimento que deviam ter os diversos arcos, dando 75 centimetros aos de rebeca, 74 aos de violeta e 73 aos de violoncello.

Os arcos de Tourte, que raramente são marcados com uma pequena etiqueta, pagam-se hoje por bom preço — 30 a 60 mil réis — chegando mesmo a attingir, em circumstancias especiaes, avaliação muito superior.

Outros fabricantes houve que se especialisaram nos arcos — François Lupot, Dominique Peccate, Nicolas Maire, J. Henry e outros.

(Conclue no proximo numero)

L.

CONCERTOS

O *Orpheon Portuense* inaugurou a 26 de novembro a serie dos seus magnificos concertos.

Tinha para esse effeito escripturado tres artistas do mais alto merecimento, e de ha muito consagrados pelos principaes publicos estrangeiros, o violinista M. Crickboom,

a violoncellista Elsa Rügger, que conjunctamente com o precedente vamos ter em breve a fortuna de ouvir em Lisboa e a pianista Clotilde Kleeberg.

Trio admiravel ao que nos dizem sollicitos informadores.

A peça de apresentação collectiva foi o segundo trio de Lalo, tocando tambem cada um dos concertistas diversas peças a solo.

Como resumo da impressão causada no Porto pelos tres eminentes tocadores, pedimos licença ao nosso illustre collega do *Diario da Tarde* para transcrever algumas palavras de apreciação com que distinguui cada um d'elles.

«Crickboom é já um artista de nome feito, com solidas qualidades de executante e principalmente uma grande seriedade de interpretação».

«A característica da execução de Clotilde Kleeberg é a delicadesa. Embora nos parecesse não haver inteira harmonia entre a sua technica e as qualidades do instrumento em que tocava, todas as suas peças foram primorosamente reveladoras d'uma artista».

«Quanto á violoncellista Rügger as nossas impressões excederam a nossa expectativa embora a soubessemos acclamada pelo publico belga, um dos mais illustrados musicalmente da Europa. Joven, esbelta, impõe-se, desde a sua entrada, pela simplicidade e naturalidade da apresentação. Pela sua technica correcta, sobria, perfeita, subjugamos. Tira do instrumento um bello som e encanta pelo desartificio com que executa.»



A 27 do mez passado fez o professor Francisco Roncagli, do Porto, uma excellente *matinée* para apresentação de discipulos.

No piano exhibiram se, além de dois filhos do sympathico professor, as alumnas Laura Barreto e Elvira Rodrigues.

Como discipulos de canto muitos haveria a citar, porque foram realmente muitos os alumnos de Roncagli que conseguiram notabilisar-se n'esta festa, devendo todavia especialisar-se a talentosa amadora D. Olinda Rocha Leão, que no rondó da *Lucia*, bisado a instantes sollicitações da assistencia, teve um verdadeiro exito, compartilhado, como de justiça, com o seu illustre professor.



Os concertos de 27, 30 de novembro e 4 do corrente mez no theatro de D. Amelia, foram outros tantos triumphos para o grande Kubelik. Grande, sim, grande creança se quizerem, mas grande de toda a forma!

Sem querer discutir o valor das obras executadas, sem querer insistir nos inconvenientes que, sob o ponto de vista da arte pura, pode acarretar a apresentação de trabalhos que tem por unico intuito a exhibição de habilidades mais ou menos raras, é forçoso dizer que este prodigioso violinista faz extraordinarias cousas e com ellas consegue empolgar o seu publico, como nenhum outro o poderá fazer.

O *sexteto da Lucia* por Saint Lubin, o *Nocturno* de Wilhelmy, *Le Streghe* de Paganini, a *Polonaise* de Wieniawsky, o *Mosses* de Paganini na 4.^a corda, e além de outras e acima de todas as outras a *Ronde des Lutins* de Bazzini deixam-nos litteralmente atordoados e attonitos perante a portentosa technica de tão colossal artista.

Não modificámos portanto, antes se nos avigora no espirito a impressão anteriormente formulada, com as restricções que a mais elemental lealdade e franquesa impunham á nossa precedente apreciação.

Devemos no entanto dizer que a segunda e terceira apresentações do phenomenal virtuose vieram acrescentar uma nota inedita ás impressões primeiramente recebidas. Referimo nos á fidelissima traducção da litteratura de Bach, representada por algumas produções do colosso d'Eisenach, entre as quaes o *Preludio* e a *Giga* tiveram por parte de Jan Kubelik uma interpretação, que podemos classificar de immorredoura.

E ahí está como, applicando o dito da nossa chronica anterior, se podem pôr faculdades geniaes como as que possui Kubelik, ao serviço de uma obra tão grandiosa como nobre, sem vaidosas preocupações e sem desviar os olhos d'aquelles ideias puras que todo o artista deve estar amorosamente fitando.



Com um bem elaborado programma de caracter historico, que por absoluta carencia de espaço não podemos reproduzir integralmente, realisou no dia 4 o illustre professor Rey Colaço a primeira *matinée* d'este inverno.

Foi primorosamente cumprido por parte de todas as distinctas professoras e alumnas de Rey Colaço. M.^{elles} Tavares Cardoso e Judith Fernandés mereceram justos louvores pela forma correcta por que interpretaram as suas peças. M.^{elles} Rosenstock e Mouchet são já pianistas consagradas e obtiveram entusiasticos applausos. Distinguiram-se de modo notavel M.^{elles} Jeanne Rey Colaço e Beatriz Corrêa, a primeira n'um trecho de Bach executado com a mais pura interpre-

tação e a segunda que tocou entre outras peças de valor a difficilima Polonaise em lá bemol de Chopin a qual lhe valeu deiirantes applausos.

M.^{elle} Jardim, discipula dilecta de Madame Bensaúde cantou com a sua voz divinamente bella e com a mais perfeita dicção algumas romanzas em allemão e francez, sendo entusiasticamente acclamada na romanza «Les Berceaux» de Gabriel Fauré que teve as honras de *bis*.

M.^{elle} Mouchet esteve ultimamente no Porto onde realisou um concerto no Orpheon Portuense, sendo entusiasticamente applaudida e encetando a sua carreira de concertista que, segundo cremos nenhuma pianista portugueza ainda tentou seguir.

Auguramos-lhe fartos e justos applausos.



Em 5 e 6 houve no Porto, por iniciativa do *Orpheon*, dois excellentes concertos com uma cantora a que já aqui nos temos referido Madame Maria Gay e uma pianista tambem de merecimento M.^{elle} Maria Luiza Ritter.

Maria Gay que executou musica dos compositores antigos, a partir do seculo XVII e tambem obras modernas de Schumann, Brahms, Borodine, etc. possui uma formosa voz de *mezzo-soprano*, pastosa, avelludada e muito equal. Emitte correctissimamente e dispõe de um temperamento vibrante e caloroso, phraseando com muita intelligencia e apropriado sentimento. Foi como era natural festejadissima.

Quanto a M.^{elle} Ritter é uma pianista cheia de talento, de figura insinuante e um tanto original, nervosa em extremo e desequilibrada ás vezes. Tinha nos programmas as sonatas em *si bemol menor* de Chopin e *Apassionata* de Beethoven, o *Carnaval* de Schumann, musica varia de Bach e Haendel, de Chopin e Liszt. Tocou tambem fóra do programma o *Capricho* de Scarlatti e tanto n'esta linda obrinha como em alguns numeros do *Carnaval* e na *Marcha funebre* da sonata de Chopin, mostrou uma grande riqueza de temperamento e notabilissimas qualidades d'estylo.

Parece, porem, que nem sempre se manteve n'essas lisongieras culminancias



Na noute de 6 encetou a *Real Academia de Amadores* os seus trabalhos d'este anno com um concerto exclusivamente orchestral effectuado no salão do Conservatorio. Disse algum dos nossos collegas que nos primeiros concertos de cada serie, se ressentia sempre este bello grupo musical da falta de

trabalho collectivo, motivado pela grande interrupção das ferias estivaes.

Assim é na verdade e temos a esperanza de que alguma falta de unidade, cuja unica explicação só pode residir no facto acima apontado, se desvanecerá em breve com a assiduidade no trabalho e com a frequencia dos ensaios indispensaveis para uma boa execução.

Isso não quer dizer que não tivéssemos verdadeiro prazer em assistir a este primeiro concerto e bastaria a *Mort d'Ase* de Grieg, que o publico entusiasticamente bisou, a abertura do *Roman d'Elvire* de Ambroise Thomas e o *Preludio* de Massenet, cuja execução segura e cheia de relevo provocou calorosos applausos, para não sómente se justificar por completo o prazer recebido, mas tambem para nos convenceremos de quanto é capaz este sympathico e esforçado grupo de valiosos amadores, sob uma direcção intelligente e firme como a do maestro Goñi.



Kubelik outra vez com dois concertos no Porto, a 7 e 8 d'este mez.

Falta-nos o espaço para novas apreciações e seriam mesmo descabidas visto não termos tido a coragem nem o tempo de seguir o colossal artista até á capital do norte.

Cumpre-nos, porém, consignar que a imprensa portuense e notoriamente o nosso illustre collega Ernesto Maia, em um scintillante artigo do *Diario da Tarde*, afinam pelo nosso diapasão, no tocante ao merito do grande concertista tchéque.



A *Sociedade de Musica de Camara* fez o seu 27.^o concerto a 11, no salão do Conservatorio.

Pelos motivos já conhecidos limitamo-nos á citação dos executantes, a sr.^a D. Ernestina Freixo, no piano, sr. Severo da Silva, no clarinete, srs Benetó, Mackce e Sauvinet, no violino, Antonio Lamas, na violeta e D. Luiz Menezes, no violoncello.

As obras executadas foram o *Quinteto em lá maior* de Mozart, a *Sonata* op. 75 e o *Quinteto* op. 14, de Saint-Saëns, sendo as duas primeiras obras apresentadas pela primeira vez nos concertos da Sociedade.



Com grande e escolhida assistencia effectuou-se em 12 a festa artistica do maestro Andrés Goñi que, como é natural, foi alvo de entusiasticas manifestações de sympathia e apreço, por parte de discipulos e de

admiradores do seu vigoroso talento e do seu bellissimo character.

O *octeto* de Svendsen que constituia uma das peças capitaes do programma teve uma execução muito *soignée* e mostrou bem a somma de trabalho e diligencia que n'elle foram empregados. Sobretudo o *scherzo*, de maravilhosa polyphonia e grande variedade de effeitos, deu-nos bem a medida de um esforço bem orientado e com optimos resultados de execução.

A *suite* de Raff, que ha uns oito annos aqui fôra dada a conhecer por Sarasate, teve por parte do distincto violinista Andrés Goñi uma interpretação muito correcta e intelligente, salientando-se pela difficuldade do trabalho tecnico e firmeza d'execução o *preludio* com que o sympathico concertista fechou a apresentação d'esta interessante obra.

Forçados pelas exigencias da data a resumirmo-nos quanto possivel, nem podemos dar á analyse d'essas obras o desenvolvimento que ellas merecem, nem detidamente traduzir a magnifica impressão que sentimos igualmente com os outros numeros do programma.

Limitamo-nos assim a felicitar as eximias cantoras D. Gabriella Jardim e D. Africa de Calimerio, bem como o eminente pianista Rey Colaço, que confirmaram em tudo e por tudo os seus nobilissimos creditos, não esquecendo, o que seria imperdoavel, mencionar o acompanhamento d'orchestra a cargo do sr. Marquez de Borba, que mostrou n'esse difficil trabalho de direcção alta competencia que o distingue.



MONTE-PIO PHILARMONICO

Desejando informar-nos e informar os nossos leitores das causas que determinaram a exuncção da antiga Associação dos Professores e das circumstancias que acompanharam a remodelação do Monte-Pio Philarmónico, solicitámos do illustre professor Julio Tabora, presidente da actual direcção e um dos principaes promotores da fusão das antigas associações, o relato pormenorizado dos factos havidos, recebendo uma amavel carta, de que pedimos venia para extractar os seguintes periodos:

«Foi em junho de 1903 que reparando eu com particular attenção nas cabeças dos meus antigos condiscipulos do Conservatorio, vi umas mais ou menos sementeas de fios de prata, outras totalmente desprovidas

de ornamentos capilares, acudindo-me então ao espirito o proverbio allemão, tantas vezes citado pelo meu chorado amigo Eduardo Wagner—*Musico velho, pobre pedinte*.

Convenceram-me estas reflexões da absoluta necessidade e até do dever que a todos os artistas se impõe de cuidar com disvelada attenção nas suas instituições de previdencia.

Na casa do despacho da Real Irmandade de Santa Cecilia estavam installadas nada menos de tres associações, constituídas exclusivamente por professores de musica — o *Monte-Pio Philarmónico*, uma das mais antigas associações portuguezas, fundada em 1834 por João Alberto Rodrigues da Costa para soccorro na doença e na inhabilidade — a *Associação de Classe dos Professores de Musica de Lisboa*, dissolvida em 18 de agosto do corrente anno — e a *Filial* d'esta ultima, que tambem tinha por intuito soccorrer os musicos na inhabilidade.

D'esta multiplicidade de associações resultou o estado cahotico em que todas ellas se encontravam e examinando os relatorios do *Monte-Pio* não era difficil concluir que uma tão util instituição caminhava, com a velocidade adquirida durante alguns annos, para a ruina a mais completa.

Procurei immediatamente o meu presado amigo Ernesto Vieira, a quem transmitti as minhas impressões, dispondo-se elle prontamente a collaborar na obra da restauração associativa da nossa classe.

A assembleia geral de 7 de agosto de 1903, expressamente convocada para resolver sobre o assumpto, elegeu uma commissão para reformar radicalmente os estatutos, nomeando os srs. Ernesto Vieira (presidente), José Maria da Cunha (secretario), Julio Umbelino dos Santos, Luiz José da Cruz, João Carlos da Costa, Francisco Julio d'Almeida (vogaes) e Julio Tabora (relator).

Pelo estado desordenado em que todos os serviços associativos se encontravam, impunha-se de facto uma completa reforma e prevendo já a derrocada inevitavel das outras associações, foi inserto no projecto o art. 75.º, hoje em vigor, que diz integralmente o seguinte: A Assembleia Geral poderá eleger annualmente uma *commissão* incumbida de organizar quaesquer serviços artisticos, taes como concertos, saraus, recitas em theatros, etc. de que resulte beneficio para o cofre.

Com a directa applicação d'este artigo e do regulamento interno, que permite a um ou dois socios honorarios fazer parte da Commissão e confere o direito de voto consultivo aos socios do Monte-Pio que sejam membros do Conselho de Arte Musical, creado por decreto de 24 de Outubro de

1901, poderá o Monte Pio Philarmonico substituir em parte e com vantagem a extincta *Associação dos Professores de Musica* e até mesmo reproduzir mais tarde certas paginas gloriosas da historica *Associação Musica 24 de Junho*, se a pouco venturosa classe dos professores de musica souber nitidamente comprehender os seus interesses e quizer defendel os unindo se e concentrando-se para adquirir força e trabalhando para ganhar credito e estima.

Determina o regulamento que a commissão sollicite o auxilio do Conselho de Arte Musical e d'outras entidades importantes para se conseguir que na futura adjudicação do Rea! Theatro de S. Carlos seja consignada a clausula de dar-se a preferencia aos artistas portuguezes para a constituição da respectiva orchestra, vindo apenas do estrangeiro os que forem indispensaveis para complemento da mesma.

Não é de menor alcance est'outra disposição que tambem se encontra no regulamento:—Para dar provas publicas da aptidão dos musicos portuguezes ás aspirações já citadas, promoverá a commissão de serviços artisticos, quando a Associação possuir os elementos necessarios, a realisação d'alguns concertos annuaes.

Em 24 de novembro ultimo procedeu-se á eleição dos professores que haviam de constituir a referida commissão de serviços artisticos, sendo eleitos os Srs. Francisco de Freitas Gazul (presidente), Ernesto Vieira e João Evangelista da Cunha e Silva (secretarios), Severo da Silva e Manoel Tavares (archivistas), Julio Cardona e Amilcar dos Santos (supplementes).

Finalmente a Direcção que tem funcionado no corrente anno de 1904 e cuja presidencia é para mim motivo do mais legitimo orgulho, conseguiu liquidar todas as dividas da Associação, comprando ainda inscrições no valor de 1:500,000 nominaes factó este que ha muitos annos se não realisava.

Com as diligencias que deixo rapidamente descriptas e com a subida honra de ter admittido no nosso gremio, a titulo de socios honorarios os Srs. Marquez de Borba, Arthur da Fonseca, Henrique Augusto dos Santos, Michel'angelo Lambertini e Joaquim G. de Mascarenhas e Andrade, julga-se esta Direcção bem recompensada dos esforços emprehendidos e nutre a esperança de com elles preparar um futuro brilhante ao Monte Pio Philarmonico.

Sou etc.

De V.

JULIO THEODORO DA CUNHA TABORDA

Em outro numero publicaremos o regulamento da Commissão dos serviços artisticos, approved em sessão da Assémléa Geral de 24 de novembro de 1904 e cujo conhecimento interessará decerto a todos os profissionaes da musica.

NOTAS VAGAS

CARTAS A UMA SENHORA

LXVIII

De Lisboa

Pois que ouviu Kubelik, genio que desponta n'uma gloria e conhece Mounet Souly, astro que deslumbra n'um occaso, embora com intercadencias rapidas ainda inegualmente fulja, nem de um nem de outro lhe daria novidades, para nada lhe servindo por certo, tentar descrever-lhe a fórma especial como todo o meu ser vibrou perante a arcada imprevista, e para mim inedita, do estranho e bemfadoo artista tchéque, ou perante certas e magistraes passagens d'essa modelar tragedia do immortal Sophocles, evocada á vida pelas attitudes hieraticas e pela esthesia intensa do consagrado actor francez, sublime Oedipo a quem só encontro um irmão no *Rei Lear* de Emmanuele.

Assim, querida amiga, prefiro occupar me de um livro grande que é — caro raro — simultaneamente um grande livro.

Palpita-me que adivinhou, e não se engana tratar-se do *In Memoriam*, publicado pela benemerita iniciativa de Casimiro de Lima em homenagem ao seu estremecido amigo o nunca assás chorado Dr. Sousa Martins.

E' por demais ocioso preceder já de qualquer elogioso epitheto esse nome que Portugal inteiro hoje venera e ama; elle os mereceu todos e todos vieram constellal-o de merecido e inapagavel brilho; e, se alguma cousa acaso nos entristece, é certamente não havermos podido inventar novos que a outrem não servissem nunca.

Por mim, pelo menos penso assim, e n'este ponto não faço senão seguir o pensar geral.

Como porém não é facil fugir ao emprego dos já sabidos e usados terei de me servir d'elles ao referir-me, ainda uma vez, a quem no meu coração e no meu espirito tem de ha longos, longos tempos um votivo logar inconfundivel.

Ha nos meus vinte annos quando discipulos d'elle começaram a falar-me cheios de entusiasmo e de orgulho do que era então

o seu incomparavel professor, e esses amigos queridos punham na voz e no olhar um tão sentido e tão communicativo ardor, que eis-me tambem a amal o com toda a vehemencia de que era capaz, a principio por via reflexa, tempos depois por contemplação directa.

Iniciára se na Sociedade das Sciencias Medicas a discussão da lei sobre o trabalho dos menores nas fabricas e facultava-se-me o precioso regalo de ver e ouvir o mestre, e nunca mais deixei de estar sob o encanto d'elle.

A breve trecho, a proposito da inauguração do Jardim Zoologico, de que Sousa Martins tivera com outros a iniciativa sympathica, propocionava me ensejo de escrever para um jornal do Porto duas extensas cartas em que dava larga á minha admiração por esse glorioso idolo dos rapazes d'esse periodo, como aliás veiu a sel-o de quantos com elle viveram.

Acompanhei-o cá de longe depois, sempre que as circumstancias mo permittiram, e acabei por ir ouvil-o dois annos seguidos nas magistraes e inesqueciveis lições de pathologia do seu curso na Escola.

Algures escrevi que se qualquer coisa de aproveitavel os meus artigos passaram a conter, d'uma certa data em diante, a elle em grande parte o devi, e não foi uma phrase de balofa e mera sentimentalidade essa que lancei ao papel, mas a justa e conscienciosa traducção de um fiel estado de espirito, que com ufania ainda registro hoje.

Assim, boa amiga, comprehenderá com que fundado jubilo, com que afanoso enlevo eu percorri as paginas d'esse benefico e suggestivo livro, e com que particular amor me detive em muitas d'ellas.

Ah! que se fosse mister provar quanto o coração consegue fecundar até os melhores espiritos, dando-lhes vibrações de un. relevo unico e de uma ternura infinda, ahí tinhamos agora o exemplo nos artigos de tantos dos collaboradores do *In Memoriam*, alguns dos quaes, porque o coração falou, attingiram uma transcendencia de pensamento e uma nitidez de fórma que nem sempre terão sido a caracteristica dos seus trabalhos.

Dir-se-hia que a propria bondade e grandeza do vulto que quizeram consagrar os elevou até elle, que tocando-os, os transfigurou...

Eis por que em geral saimos da leitura do volume com uma impressão tão alta e enriquecidos de tão consoladoras idéas.

Paira em quasi todo elle um sopro de subtil poesia e envolve o um halo de immaterial pureza, que nunca mais nos sairão

d'alma e a instantes a lingua portuguesa alcançou na penna de alguns que lá figuram com artigos a sua suprema e modelar feição, e apparece-nos rica, harmoniosa e doce.

Comprende que não é porventura correcto especialisar nomes, mas nempore ousou dizer-lhe que os soberbos e esculpturaes periodos que o dr. Manoel Bento firmou e que, vindo já da solidão do tumulo, adquirem por vezes a majestade das coisas sagradas e eternas; que a prosa elegante e tersa traduzindo os mais formosos e os mais profundos conceitos de D. Maria Amalia de Teixeira Queiroz e de Julio de Mattos, que os nobres, os commoventes, os sentidos depoimentos de Carlos Tavares, Fialho de Almeida, Alfredo Costa, Thomaz de Mello Breyner, Gomes Fernandes, Vicente Monteiro e Conde de Sabugosa por exemplo, mereciam acaso mais demorada referencia; por desgraça o espaço falta-me e não me sobram energias no cerebro para reproduzir em palavras tudo quanto provocado por taes escriptos, ennevoadamente vejo formar-se-me cá dentro e não logro exteriorisar para aqui.

Invejavel grande homem esse que taes primores inspirou e que havendo vivido pouquissimo para o que a patria d'elle carecia de receber em ensinamentos, viveu comtudo o bastante para nunca mais morrer!

Impossibilitado de trazer tambem a prestação da minha divida pessoal, a quem por uma fria noite de inverno, abandonava o leito para vir confortar-me com a sua presença e com o seu saber, eu que, ai de mim não pude sequer enfileirar-me entre os que foram deixal-o no modesto cemiterio de Alhandra, e que nunca mais o vi depois da sua partida para Veneza, creio que me esqueceria agora de tudo palestrando d'elle se a consciencia não me estivesse avisando já que não só não diria melhor nem mais do que tantos disseram n'esse *In Memoriam* que fica sendo um bello acto e uma inestimavel obra, mas nem mesmo conseguiria diser assim; pelo que apenas me limito a acrescentar, concluindo, que bem notaveis individualidades possuiu e virá ainda a possuir a nossa adorada terra; mas cumulativamente perfectas pelo celebre e pelo character não creio que jamais veja exemplar superior a esse que foi Sousa Martins, e porque talentos portugueses, dos melhores, unanimemente assim o proclamam tambem, n'um livro que a saudade erigiu e que o reconhecimento dictou, esqueço por momentos as tristesas da hora presente para só me lembrar que, por felicidade, ella soube destinar um minuto a perpetuar uma tão edificante e tão reparadora lição de educação civica,

e de patriotismo serio, como a que ininterruptamente lhe veiu sempre da atormentada mas fecunda existencia d'aquelle formosissimo espirito, divina efflorescencia d'um formosissimo coração...

AFFONSO VARGAS



CABELLEIRAS

Não sômos muito partidarios da litteratura «de recôrte», mas depara-se-nos nas columnas do nosso presado collega portuense — *O Primeiro de Janeiro*, uma tão espirituosa chronica sobre as cabelleiras dos artistas, que não resistimos á tentação de a transcrever na integra.

Intitula-se o artigo *Arte e artificio* e é assignado por João Chagas, o eminente publicista que toda Lisboa conhece e a quem pedimos venia, assim como á interessante folha portuense, para fazer a desejada transcripção.

«Apareceu nas esquinas um bello cartaz representando um *jeune homme* de grande cabelleira, que é Kubelik, o violinista

Porquê — pensei eu logo — esta grande cabelleira? Mas immediatamente interrompi o meu pensamento reflectindo que todos os artistas, em regra, grandes e pequenos, deixam crescer o cabelo.

O cabelo faz parte da sua arte?

Certamente, não. Mas o longo cabelo é uma parte do seu apparatus artistico.

Ha então apparatus artistico?

Ha.

Os artistas destinados a exercer influencias immediatas sobre a multidão, como os *virtuoses*, não actuam apenas pela sua arte: actuam tambem pela sua presença; e justamente acaba de publicar se a traducção franceza de um ensaio da psicologia collectiva, do professor italiano Pascal Rossi (*Les suggesteurs et la foule*), em que este facto é largamente verificado.

Mas nada mais facil do que verificá-lo, nós mesmos.

Não nos tem succedido tantas vezes encontrar um contraste, que reputamos quasi disparatado, entre certas phisionomias e certas profissões?

Quem não se surprehendeu ao ver pela primeira vez o retrato de Emilio Zola? Anatole France, a quem me referi na minha ultima carta e que é um genio filosofico e litterario, talvez immorredouro, é uma figura

que, como a do auctor dos «Rougon Macquart», surprehende pela vulgaridade.

Nada, n'essas phisionomias, está de accordo com as nossas prevenções e superstições sobre a apparencia exterior da individualidade artistica — Zola é um mestre d'obras, Anatole France, um pedreiro.

A genialidade, segundo as nossas prevenções e superstições, marca. Assim como se tem um semblante patibular assim se tem uma cabeça genial.

Onde está o genio n'esses homens?

Na sua obra.

N'elles não está.

O seu exito, a sua fortuna, a sua gloria não são, porém, por este facto prejudicadas. A sua influencia está exercida, independentemente da sua personalidade exterior. Conhecemos a sua obra antes de os conhecermos a elles. O seu effeito está produzido. Elles são-n'os quasi indifferentes. O seu genio é um facto, no qual o seu cabelo, comprido ou curto não collaborou.

Mas se isto é assim com relação a estes suggestionadores *mediatos*, não é assim com respeito aos que exercem a dupla suggestão da arte e do individuo, isto é, os *immediatos*, e n'este numero contam-se os guerreiros, os oradores, os actores, finalmente os *virtuoses*, que o professor Pascal Rossi não inclue no seu ensaio, mas que, nem por isso, deixam de pertencer a esta categoria, com a differença de que o que nos primeiros é aptidão nativa, n'estes ultimos é muitas vezes, quasi sempre, premeditação e artificio.

Ao artificio peculiar aos artistas musicos e concertistas, que consiste em deixar crescer o cabelo, ostentando essas jubas leoninas que nós já admirámos em Sarasate, chamam os francezes — «*se faire une tête*», ou para nos exprimirmos portuguezmente: — «*arranjar uma cara*» e a cara do concertista não é indifferente ao exito da audição e ao seu proprio, porque assim como a multidão tem prevenções e superstições sobre o apparatus externo da genialidade dos seus hipnotisadores *mediatos*, assim as tem sobre os *immediatos* dando-se, porém, o caso de que o exito d'estes está vinculado á sua apparencia exterior, pela obvia rasão de que a sua influencia se exerce *immediatamente* e é recebida pelos sentidos.

Diriamos que subordinar a personalidade artistica a tão ridiculas contingencias é despojal a afinal do seu merito real e intrinseco e tornal-a unicamente charlatanesca, mas não é assim — A personalidade artistica fica com o seu merito real e intrinseco. Nada lh'o tira nem muda com o artificio de uma longa cabelleira. Graças porém, a esse artificio, a sua influencia é maior

Ouvir, por exemplo, annunciar um grande violinista como Kubelik e ver apparecer no palco um homem de pera, com o cabello cortado á escovinha, é a maior das decepções. Por muito bem preparado que esteja o nosso entendimento para apreciar com precisão, o nosso entendimento resentir-se-á d'essa visão desagradavel. Os nossos ouvidos estão ouvindo, mas os nossos olhos estão vendo e as nossas impressões visuaes estão facciosamente compromettendo as nossas impressões auditivas. — Grande artista! dirão os criticos. — Grande artista! dirá o publico por sua vez applaudindo; mas ao seu applauso faltarão convicção e enthusiasmo. O grande artista de bigode e pera e cabello á escovinha, terá exercido sobre elle uma influencia mediocre. Mas que em vez d'esse artista sem apparatus exterior, venha Kubelik, com a sua gaforina de genio musical, a sua pallidez, os seus olhos estremunhados de sonhador e que Kubelik seja esse genio — o seu exito será duplo, porque será o da sua arte e o da sua pessoa.

Tudo n'elle, desde logo, fala do artista. Elle cria, só com a sua presença, um estado de predisposição, que é mais que indulgente — é supersticioso. A sua fama, os louros que o cobrem, a réclame que o precedeu, tudo n'esse momento apparece com a singularidade da sua pessoa, em uma mesma deslumbrante, offuscadora claridade. Quando o seu arco poisa sobre as cordas da sua rebeca, a alma do espectador está em pasmo. Os seus sentidos estão embriagados. O triumpho para os grandes artistas que assim impressionam a multidão está de ante-mão garantido.

Os actores conseguem o mesmo effeito, por meio da caracterisação.

NOTICIARIO

DO PAIZ

A inauguração do theatro lyrico effe-ctua-se domingo, 18, com a opera *Othello*, sendo os papeis principaes confiados ao tenor Antonio Paoli, barytono Kaschmann e soprano Aida Alloro.

Como nos annos anteriores, o nosso illustre collaborador, sr. dr. Esteves Lisboa tomará gentilmente o encargo das chronicas do theatro de S. Carlos, com o desassombro e proficiencia que os nossos leitores tem tido bastas occasiões de apreciar.

Noticiando a festa religiosa com que a classe dos professores de musica solemnisou o dia da sua padroeira, esqueceu-nos mencionar que a abertura da missa era de Francisco Norberto dos Santos Pinto, um dos mais celebres compositores portuguezes do seculo XIX, aparentado com a familia do nosso querido amigo e illustre *artista* Antonio Lamas.

Santos Pinto escreveu trinta e cinco aberturas para orchestra; a que se executou na festa de Santa Cecilia é a oitava, dedicada a Franz Liszt.

Fundou-se uma nova tuna de empregados do commercio de Lisboa, com séde na rua de S. João da Praça, 83 rez-do-chão.

O director artistico d'este grupo é o sr. Antonio Cheu, mestre da banda do corpo de marinheiros.

O nosso illustre compositor Alfredo Keil obteve a medalha de ouro na exposição universal de S. Luiz, onde concorreu com algumas das suas inspiradas operas.

O maestro Keil recusou, porem, a recompensa que lhe foi conferida.

A direcção administrativa e artistica da *Sociedade de Concertos e Escola de Musica* está hoje exclusivamente a cargo dos srs. Frederico Guimarães e Anselmo de Sousa.

O nosso compatriota Arthur Trindade está aperfeiçoando em Roma a sua educação lyrica, sob a direcção do celebre barytono Cotogni.

Consta que Arthur Trindade encetar á em breve a carreira.

O sextetto do Café Suisso, no Porto, ficou definitivamente organizado com os srs. Miguel Alves e L. Simaria (violinos), Antonio Ferreira (violeta), José Gouveia (violoncello) e Xisto Lopes (piano).

A *Tuna da Escola Polytechnica* effectou uma brilhante manifestação de sympathia

ao seu director artistico, o sr Alfredo Mantua, realisando uma sessão solemne, em que foi inaugurado o retrato do mesmo senhor e se pronunciaram diversas allocuções enaltecendo o merito, intelligencia e zelo do sympathico artista.

*•

O proximo concerto da *Sociedade de Musica de Camara* effectua-se a 7 de janeiro, com um programma inteiramente novo.

*•

Esperam-se no Porto as illustres amadoras D. Gabriella Jardim e D. Beatriz Corrêa. Tomarão parte, ao que parece, em diversos concertos do *Orpheon*.

*•

Annunciam os jornaes a vinda a Lisboa do grande pianista belga Arthur De Greef, acompanhado do violinista Mathieu Crickboom e violoncellista Elsa Rüegger.

E' uma optima noticia artistica que temos grande satisfação em reproduzir, accrescentando que os concertos d'esse notabilissimo grupo terão logar a 5 e 6 do proximo mez no theatro de D. Amelia.

No ultimo numero do anno publicaremos o retrato dos tres illustres artistas, acompanhados de algumas notas biographicas.

*•

Recebemos n'esta redacção a visita do nosso amigo e illustre barytono José Kaschmann, que vem fazer parte, como se sabe, da companhia lyrica de S. Carlos.

NECROLOGIA

Victimado por uma congestão succumbiu a 3 do corrente mez em Villa Franca de Xira, o conhecido violinista João Augusto Metello.

Era natural de Lisboa, onde nascera em 16 de maio de 1842.

Foi discipulo, em violino, de Luiz Cos soul e tambem, salvo erro, de Filippe Real. Em 1865 fez uma *tournee* artistica com Alexandre Ferreira, Pedro Gazul e Francisco Gazul, dando concertos em Elvas, Portalegre, Badajoz e outras cidades.

Na vaga de José Maria Christiano entrou como musico effectivo da Sé Patriarchal, passando a chefe d'orchestra por fallecimento de Silva Alagárim.

Cultivou frequentemente a musica de camara. Em 1876 vemol-o na qualidade de violeta, tomando parte activa nos concertos que a *Sociedade de Quartetos* realisava no antigo Casino Lisbonense e sendo seus companheiros Victor Wagner e Ildefonso Rey-mondes (violinos), Eduardo Wagner (violoncello) e José Vieira (piano).



Todos o antecederam no caminho do tumulo!

Mais tarde e ainda como violeta tambem fez parte do grupo que periodicamente se reunia em casa do visconde d'Oliveira Duarte onde a *élite* do nosso mundo musical tantas occasiões teve de apreciar boa musica, optimamente executada.

Na bancada dos primeiros violinos esteve João Metello alguns annos em S. Carlos e na orchestra do theatro da Trindade desde 1878 a 1893.

A convite do tambem fallecido Manuel Augusto Gaspar passou para a orchestra do theatro de D. Maria II, continuando depois no sexteto do mesmo theatro até que a doença o impossibilitou.

Foi um caracter probo e um honesto trabalhador.

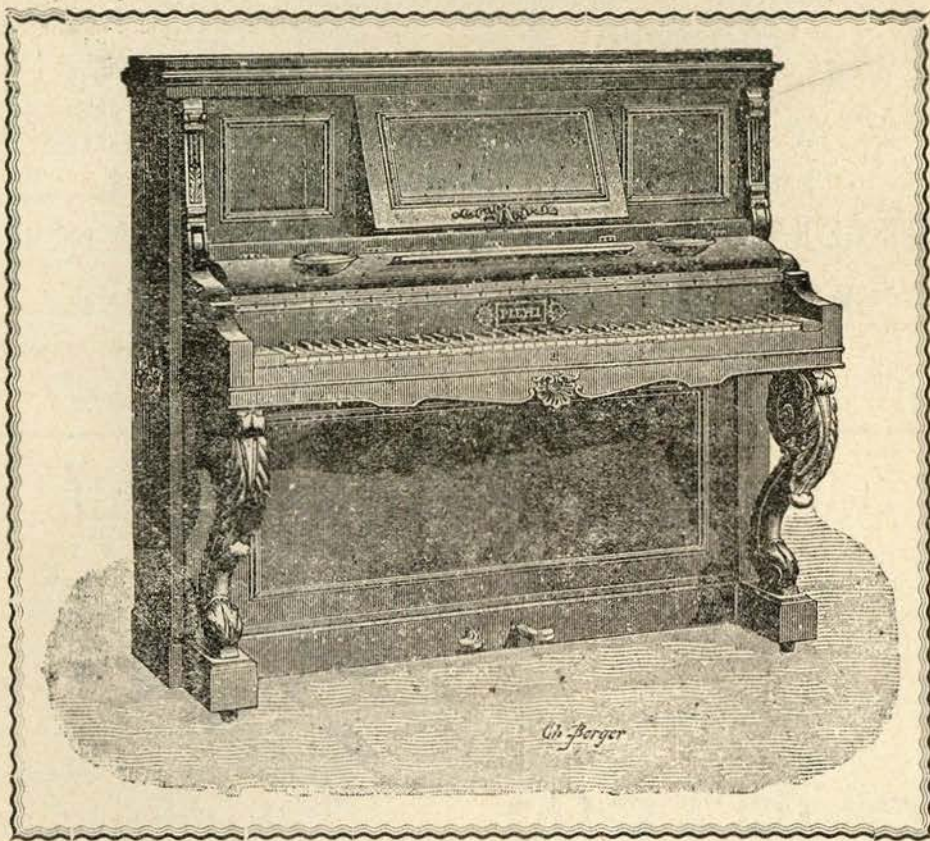
✻

Falleceu a menina Maria Helena Vieira Garin, extremosa filha do abalisado professor Marcos Garin, a quem endereçamos, assim como a sua ex.^{ma} esposa, a sr.^a D. Ernestina Vieira Garin, a mais viva expressão das nossas condolencias.

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES
(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor: — ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra
Presidente do jury (classe 17) da Exposição de Paris — 1900

AUGUSTO D'AQUINO

Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers	» »	Carl Lassen
» » » Liverpool	» »	Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Londres	» »	Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Havre	» »	Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correiros, 92, 1.º

LAMBERTINI

Fornecedor da Casa Real

UNICO DEPOSITARIO

DOS

CELEBRES PIANOS

DE

BECHSTEIN

LISBOA ELEGANTE

Casa especial de
gravatas, colla-
rinhos e pu-
nhos.

M. C. ALVES

NOVIDADES

DE

LONDRES E PARIS

15 a 17, Praça de D. Pedro-LISBOA

A. ALABERN

OFFICINAS DE

Photogravura e Zincographia

TERRAS DO MONTE

PATEO NARCISA

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL

De F. Lopes

108, R. DE S. PAULO, 110 = Lisboa

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou em ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, mechanismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa Sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

LEITURA MUSICAL POR ASSIGNATURA

ALUGUEL DE MUSICA POR 500 RÉIS MENSAES

A casa Lambertini, suppondo prestar um verdadeiro serviço á Arte Musical e aos seus cultores, teve a honra de introduzir em Portugal o *Aluguel de Musica*, pelo systema ja de ha muito adoptado nas grandes casas estrangeiras da especialidade e apenas com uma differença — a de ser muito mais economico que lá fóra.

Ao principio, o systema não foi comprehendido por todos e houve hesitações em acceitar a nossa *Leitura Musical*, como uma distracção e um passatempo interessantissimos e como o unico meio de formar uma boa educação artistica.

Triumphou finalmente dos velhos habitos e rotinas, a boa orientação artistica dos nossos principaes amadores, e finalmente se comprehenderam todas as vantagens que podem advir de uma leitura constante das melhores obras musicas em todos os generos, já pela facilidade de tocar á primeira vista, já pelo estudo dos grandes mestres, já pela analyse das diversas escolas, já finalmente, pela deliciosa distracção que isso proporciona aos que amam a divina Arte dos Mozart e dos Beethoven.

Pecam-se os catalogos e supplementos

LAMBERTINI

45, 44, 43, P. Restauradores, 47, 48, 49

ARTE MUSICAL

Compram-se os n.ºs 1, 2, 6, 9, 11, 40, 42, 56, 57 e 59 da presente publicação.

Diz-se n'esta redacção.

44, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 44

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
Alberto Lima , professor de guitarra, <i>Rua das Pretas, 23</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni , professor de violino, <i>Praça do Principe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
Candida Cilia de Lemos , professora de piano e órgão, <i>L. de S. Barbara, 51, 5.º, D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio , professor de bandolim, <i>Rua de Andaluz, 5, 3.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>Rua dos Poyaes S. Bento, 71, 2.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
João E. da Matta Junior , professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>R. S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Julietta Hirsch , professora de canto <i>Rua Raphael d'Andrade, R. G., 3.º</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucilia Moreira , professora de musica e piano, <i>T. do Moreira, 5 r/c</i>
M.^{me} Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão. 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
Paulo Navone , prof. de harpa e violoncello, <i>Praça da Batalha, 115, PORTO</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, 2.º</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA